

IV IBERCOM
GT "História da Comunicação"

Título: Televisão, história e jornalismo no Rio Grande do Sul

Resumo:

Aspectos constitutivos da relação entre história e atualidades são observados na historiografia do Rio Grande do Sul. Os principais jornais do estado, que são bastante utilizados como fonte de pesquisa histórica, relacionam-se singularmente com a televisão. Historiadores e comunicadores, além de reproduzirem atitudes metodologicamente questionáveis, disputam a autoria da história.

A invenção do passado

Desde a invenção da escrita, quando entra em declínio a memória oral, a função de preservar o passado vem sendo delegada aos escribas, historicamente cada vez mais especializados em determinadas áreas também cada vez mais especializadas.

No momento em que surgiu a figura do especialista em história - o historiador, já há muito tempo o passado vinha escorregando pelas mãos de quem tentasse capturá-lo. Nesse longo interstício que separa os dois momentos desenvolveu-se uma grande parte da história da humanidade (e da comunicação, e de seus meios), mas ainda hoje se discute os modos de escrevê-la, pois há diferentes pontos de vista, insuficiências metodológicas, ausência de fontes e exclusão ou deformação de informações que tornam controversas as várias leituras do passado. Este, majestoso e absoluto, parece esperar que alguém o surpreenda e aprisione numa explicação definitiva.

Enquanto isso, a memória coletiva, transmitida oralmente de geração a geração - da

qual restam vestígios nas sociedades ágrafas que vivem em certo grau de isolamento do resto do mundo, perdura como memória oral de determinados grupos no interior de nossa sociedade, dos quais os escribas não conseguem dizer muito. São setores mal representados ou excluídos da história, sobre os quais vêm se tentando produzir memórias escritas, história oral ou ainda a chamada história dos vencidos. Por várias razões, no entanto, o problema está longe de ser superado.

Nessa relação entre o passado, a memória e a história é bom lembrar que:

- 1- há uma história, ou um passado, e há uma história textual¹ que intenta dizer como *foi*;
- 2- em nossa sociedade a palavra escrita tem prevalência sobre a palavra oral;
- 3- o uso corrente e conveniente da palavra escrita não é universal;
- 4- o historiador escreve a história, privilegiando as fontes escritas, produzidas e acervadas pelo ambiente letrado da sociedade.

Isto quer dizer que a tradição escrita, afeita ao escriba historiador, reproduz-se e repõe-se como diferença, privilégio ou desigualdade em relação à tradição oral.

Se alguma originalidade existe na reflexão que venho fazendo a alguns semestres sobre os primórdios da televisão, talvez seja aí que deva ser procurada. Não que no Rio Grande do Sul tenha acontecido um fenômeno muito diferente do ocorrido em outros estados², mas sim que todo um conjunto de memórias dessa fase da televisão brasileira foi subtraído da história, como tantas vezes se fez ao se contar a história do Brasil desde o ponto de vista do eixo Rio-São Paulo, ou mais genericamente, desde o lugar da hegemonia.

Como ponto de vista, além disso, até agora pouco se escreveu sobre o fenômeno

¹Há autores que sugerem a inexistência de passado não textual. Prefiro pensar que ele seja inatingível, no absoluto, como a verdade. Os discursos podem nos aproximar mais ou menos dele, e ainda assim, em seu limite, esbarramos nos limites do discurso, incapaz de capturar a realidade.

²Talvez a peculiar trajetória da RBS no contexto das redes nacionais e regionais merecesse a diferença, mas penso que Dulce Márcia Cruz (1996) já fez esse destaque.

televisivo como um *trânsito*, um *movimento*³.

Acho que, no Brasil deste século, os anos 20/ 30 e os anos 50/60 configuram-se como tal. São períodos pós-guerra, em que se processaram profundas mudanças de diferentes naturezas, que estou examinando em relação ao objeto TV mas que remetem a questões mais abrangentes que é preciso referir. No segundo período vivi minha adolescência, e, se não é possível me ver assistindo televisão a não ser após 1980 - o que me distancia do objeto, em contrapartida é inegável uma grande aproximação minha com os movimentos que marcaram os chamados *anos 60*, com os quais penso que têm relação certos acontecimentos da chamada aventura televisiva. Assim, minha análise poderia estar comprometida, ou contaminada.

No entanto, se tradicionalmente a história consegue fazer boas capturas do passado quando consegue construir sólidas periodizações, é inegável também que há uma teoria e um ponto de vista por trás desses períodos arbitrados, que são as tentativas de explicar o que ocorreu. Subjetividades à parte, quando se diz *o que ocorreu* já se está dizendo que algo *mudou*, o que equivale a dizer que *antes* era diferente. Ou seja, é no *descontínuo* que se busca a referência, em geral. Penso não haver dúvidas de que o período em questão (o do surgimento da TV no Brasil e no Rio Grande do Sul) situa-se na descontinuidade.

Assim, resolvido o problema da periodização, gostaria de enveredar por uma teoria pouco usual, que seria o meu modo particular de olhar para o passado. A história vem interagindo cada mais com outros saberes, que tradicionalmente estariam fora das teorias da história, e de onde vem tirando às vezes excelentes resultados. Talvez cause um pouco de estranheza, mas em minhas reflexões sobre os primórdios da TV no Rio Grande do Sul estou testando a hipótese de que eles fazem parte de um movimento, maior que ele próprio, circunscrito aos chamados anos 60, e que se trata de uma *unidade* (ou *unidades*) de movimento daquele *estado nascente*.

³ Alguns autores identificam uma fase de transição da TV no Brasil, mas não é disso que estou falando.

Com tal perspectiva, referenciada nas teorizações de Francesco Alberoni (1991) - sobre os movimentos sociais, os estados nascentes e a história, altera-se o foco e todos os eventuais narradores ganham voz, a aventura deixa de existir como tal e começa-se a produzir sentido para além do que têm sido as memórias dos excluídos ou vencidos. Passa-se a pensar nas *instituições* e na passagem de uma configuração a outra, em um movimento de muitas nuances. Além disso, a minha distância dos fatos diminui, sem que diminua a objetividade necessária à análise, porquanto ela pode realizar-se pela *ética*, ou pela *subjetividade solidária*, nos termos de Félix Guattari (1991).

Digo isso porque o fato de o historiador não estar presente no tempo-espço dos acontecimentos foi durante muito tempo hipervalorizado pela academia. Havia inclusive uma regra que necessariamente separava o observador do acontecimento um número mínimo de décadas para assegurar a objetividade e a imparcialidade, paradigmas caros à ciência. Considerando que a história perseguiu o status de ciência, distanciar-se para observar era condição para *o bom ponto de vista* - até que a antropologia começou a questionar o lugar do observador.

Mas não são essas as questões. O que estou querendo dizer é que é inevitável o historiador distanciar-se mas envolver-se, porquanto se encontra separado do cenário que observa e não pode deixar de ser ele mesmo situado. Além disso, enquanto o passado é o resultado da ação de uma coletividade, as histórias escritas que constituem a história como conjunto⁴ são atos solitários e criativos - cujo resultado está circunscrito ao ambiente de sua produção, nos termos vistos anteriormente.

Seguem-se daí duas circunstâncias já bem conhecidas:

1. *a história é o passado inventado pelo historiador, e*

⁴Conjunto plural, heterogêneo e até contraditório, que não esgota a realidade e da qual é também uma espécie de reflexo ou imitação, à semelhança da relação que existe entre a arte e os discursos sobre a arte.

2. as vozes capturadas pelo historiador contam histórias diferentes.

As fontes da história

As fontes podem ser tratadas como *a voz dos ausentes* (deles mesmos e do que produziram), capturada e dando provas de que os fatos realmente aconteceram. Elas são uma parte fundamental da pesquisa histórica. Levantamento, seleção, crítica interna e externa, classificação, análise e interpretação das fontes são rotinas do historiador, porquanto sua insuficiência ou inconsistência podem arrastar sua pesquisa pelo lodaçal escorregadio de um "teoria do passado" que não se sustenta pela falta de provas.

Gosto muito do modo como a arqueologia perscruta as areias atrás de tesouros enterrados, freqüentemente apenas um monte de *cacos* produzidos pela humanidade, nos quais procura avidamente um passado muito distante. Esses restos foram produzidos e apropriados desigualmente (inclusive pelos historiadores, que seguem a mesma trajetória), e, apesar de parciais, são o que permite imaginar o que os sujeitos fizeram ou assistiram acontecer. O modo como se criaram, guardaram, destruíram e reconstruíram esses restos revela as relações que se estabelecem na invenção do passado. Quanto à voz dos ausentes, no entanto, é mais complicado, pois não há como testar, num passado longínquo, o seu timbre: nesse caso prevalece o silêncio, produzido inexoravelmente pela ação do tempo.

Quando se olha para o passado recente dá-se o contrário: conhece-se o cenário e as vozes são familiares. Há muitas vozes, ecoando diferentes pontos de vista e fazendo os acontecimentos, produzindo memória. Estão aí disponíveis, mas são tantas que tentar capturá-las é uma corrida contra o tempo, talvez inútil, talvez insana. Como o naufrago que se afogará (saberemos depois), e que pede socorro a ninguém à vista, o historiador se aproxima e não reconhece o timbre porque prevalece o ruído.

Numa situação ou na outra, é fundamental aquele tratamento das fontes de que falei

antes, e que talvez pudesse ser resumido, especialmente na segunda, como *processamento*, designação dada aos procedimentos que tentam eleger e significar as informações necessárias, desejadas e que importam, separando-as do *lixo* ou informação poluidora⁵.

Assim, em busca das fontes, no momento em que postulei pesquisar a história da televisão no Rio Grande do Sul (delimitada inicialmente entre 1959 e 1972, e depois estendida até onde necessário para jogar alguma luz sobre o que parecia ter sido enterrado quando se transmitiu a primeira imagem a cores), constatei e referi a incipiente produção bibliográfica existente⁶ e me dispus a contribuir para dimensionar e preencher um pouco dessa lacuna aproveitando que ainda existem narradores vivos, isto é, ainda é possível reaver uma parte da memória dos que até aqui foram excluídos da história em questão.

Imaginava que haveria um universo de fontes documentais a ser desbravado, mesmo e apesar de se encontrar disperso e em locais apenas suspeitados (nas empresas, no Museu de Comunicação Hipólito José da Costa, nas universidades). Pretendia registrar uma memória recente que pudesse depois servir para a pesquisa histórica, e talvez formular algumas hipóteses e propor alguns temas de pesquisa.

Entretanto, após um ano, constato que a recuperação da memória da TV no RS passa pela quase inexistência de fontes disponíveis. Incêndios em prédios e instalações, descaso com a guarda e restauração, resistências à revisão histórica, personalismos e sonegação de informações são algumas razões que tornaram indisponíveis fontes (principalmente documentais, tratadas ou com exagerada displicência ou como pedra preciosa e exclusiva) que foram produzidas, corte às vezes fortuito, às vezes passível de análise mais crítica.

⁵ Refere-se à informação inflacionária existente nas culturas e grupos info-comunicacionais.

⁶ Não há uma só obra específica sobre o tema. Há inserções (de fatos, comentários, análises) em história da TV no Brasil, ou em história da imprensa no Rio Grande do Sul, ou sobre a TV em Santa Catarina (citando a RBS do RS), ou sobre a propaganda no RS. Há ainda um livro de *memórias* do rádio e da TV e uma *homenagem* a Maurício Sirotsky.

Além disso, particularmente a fonte *imagem* de TV é rara no período observado. As primeiras emissoras, a Piratini, Gaúcha e Difusora, são de 1959, 1962 e 1969, e as imagens que produziram no início não foram gravadas. Já as imagens pré-gravadas que colocaram no ar, especialmente nos telejornais e produzidas por cinegrafistas em bitolas e sistemas diferentes dos hoje utilizados, não foram acervadas ou adequadamente acervadas, e nem são a *imagem da TV* (ou do telejornal como ele apareceu no vídeo), mas uma parte dela. E o registro de ambientes e cenários foi feito muito pouco em fotografias, o que teria sido uma alternativa à falta de imagens em movimento.

Resulta que as fontes orais, os jornais e as revistas acabam sendo as fontes mais abundantemente disponíveis. O que não é nenhuma tragédia, nem o é o fato de as pessoas guardarem em suas casas documentos que poderiam estar em museus⁷. Mas, considerando que os depoimentos orais de qualquer forma precisam ser confrontados com fontes escritas, uma vez que freqüentemente a memória oral escorrega em situações fatalmente imprecisas; e ainda que no Rio Grande do Sul existem no período (e não em todo) apenas poucas revistas (Revista do Globo, TV Sul e Revista Intervalo); o jornal voltou, portanto, ao centro do passado. Isto é, algumas informações para a minha pesquisa teriam de ser buscadas nos jornais, pois eles são, nesses casos, os únicos *narradores presentes* aos fatos e que poderiam dar testemunho deles.

O jornal como fonte

Inúmeras vezes o historiador se depara com a perspectiva de ter de buscar nos jornais do passado as provas de que as coisas se passaram de determinado modo no presente de então. Registrando diariamente as *atualidades*, cobrindo um considerável espectro noticioso com imparcialidade e objetividade, o jornal aparece diante do historiador como a grande e central fonte, aquela que provará suas hipóteses e teorias datando os fatos e acontecimentos que

⁷Diante da situação em que se encontram alguns museus, às vezes é melhor guardar em casa, privadamente, o que é de interesse público. Ao menos há uma chance de sobrevida.

fizeram a história. É central, portanto, a posição ocupada pelo jornal no *passado*, justamente pela posição central que ocupou no *presente* de ontem.

Como tantos historiadores, comecei a apropriar-me dos jornais do Rio Grande do Sul como fonte. No período, havia os seguintes grandes títulos no estado:

| empresa | títulos | início | término |
|-------------------------|--|--------|---------|
| CALDAS JUNIOR | Correio do Povo | 1895 | 1984 |
| | Folha da Tarde | 1936 | 1983 |
| | Folha da Manhã | 1969 | 1979 |
| DIÁRIOS ASSOCIADOS | Diário de Notícias/A Hora ⁸ | 1925 | 1979 |
| SAMUEL WAINER | Última Hora | 1960 | 1964 |
| RBS | Zero Hora ⁹ | 1964 | |
| | Jornal do Comércio | 1933 | |
| COOPERATIVA JORNALISTAS | Coojornal | 1975 | 1980 |

Ainda não finalizei o levantamento e a análise dos jornais, mas logo no começo pensei ter me enganado completamente, e que o jornal não era uma fonte importante, pois a TV aparecia muito pouco.

Basicamente são três as ocasiões em que os jornais falavam de televisão:

1. diariamente, divulgando e comentando a programação dos canais;
2. quando surgiu ou desapareceu uma emissora, ou foi introduzida uma nova tecnologia;
3. quando se comemorou um determinado número de anos de uma emissora, transformando-se o

⁸Em 1954, por ocasião do suicídio de Getúlio Vargas, o *Diário de Notícias*, principal concorrente do *Correio do Povo*, perdeu seus leitores, revoltados porque a empresa não dera a devida importância ao fato. Chateaubriand fechou o jornal e passou a publicar *A Hora* até 1961, sem muito sucesso. Após 1959, com a TV Piratini no ar, houve um retorno de leitores, e em 1961 Chatô voltou a publicar o *Diário*, que nunca mais foi o mesmo.

⁹Em 1964 Samuel Wainer teve de sair do país e vendeu a *Última Hora* para Ary de Carvalho, que mudou o nome do jornal para *Zero Hora*, que era o título de uma coluna da contracapa. Em 1967 Ary associou-se com Maurício Sirotsky que, em 1970, adquiriu todas as ações.

jornal nesse caso também em memória, porque em geral a notícia remeteu a uma retrospectiva, baseada em notícias anteriores e/ou em depoimentos de narradores presentes.

Foi desestimulante ler uma pauta de programas que já não são veiculados e sobre os quais pouco ou nada se acrescentou ao título e à hora em que iam ao ar; bem como ver o redator encher as linhas com nomes e marcas de equipamentos, aparelhos, antenas, microondas que não fazem sentido; ou então ler as descrições positivistas dos atos públicos, com infindáveis loas às sempre mesmas autoridades e pessoas do setor, e fragmentadas informações sobre tal ou qual período de glória das emissoras.

Além disso, e dos erros habituais das redações, havia muito pouco material de real importância. Várias vezes lembrei Régis Debray (1993) denunciando o espaço exagerado que a mídia ocupa nos jornais, e me perguntava se na França seria diferente do Rio Grande do Sul. E mais intrigada fiquei ao não conseguir perceber no jornal a *TV de papel* de Adolpho Queiroz (1992).

Disciplinadamente, porém, voltei a aplicar o método: talvez o jornal não fosse uma fonte importante, mas o que significaria naquele momento o *dito* e o *não dito*, isto é, palavra e silêncio, nos *cacos* produzidos e apropriados *desigualmente* pela humanidade ?

Tendo assistido a uma parte desse passado recente, e estudando com meus alunos a história da comunicação no Rio Grande do Sul, *lembrava e tinha conhecimento* de fatos e acontecimentos que não encontrei referidos nas atualidades, quer dizer, deparei-me com o não dito, com aqueles *cacos* que não foram apropriados pelo jornal. Portanto, inserindo a fonte em seu contexto, e confrontando-a com outras, abriram-se novas possibilidades de análise e reconhecimento, estas, aliás, muito interessantes.

Provavelmente esse será um viés a ser examinado com cuidado até o final da pesquisa, até porque passam por ele duas questões, fundamentais no meu entender, para o historiador da comunicação.

Televisão, jornal e atualidades

Vou me deter um pouco nessas duas questões: a fugacidade do objeto televisão, e as complicadas relações estabelecidas entre os dois veículos (televisão e jornal) no contexto da emergente indústria cultural.

No primeiro caso, não estou me referindo apenas ao fato de a TV ser um meio de *transmissão* pelo qual correm imagens e mensagens, e que hoje podem ser fixadas no suporte vídeotape, mas a uma série de características próprias do meio, sua técnica e linguagem (ou poética). Nesse sentido, qualquer fonte que não seja a própria TV, é insuficiente, incapaz de tornar presente o fenômeno de ontem, e ela mesma, a TV, para poder efetuar tal aproximação, requer outras fontes ou informações que ajudem a interpretar o passado.

No segundo caso, a fragilidade do jornal como fonte está mais relacionada ao fato dele ser parte da história, narrador presente e envolvido no processo em que a empresa familiar foi suplantada historicamente pela empresa capitalista moderna, ou profissional. Essa fase do desenvolvimento do capitalismo torna-se visível no Rio Grande do Sul no início da década de 80 pela relação que os veículos passam a ter entre si dentro de cada empresa, de empresa para empresa e do conjunto no mercado regional e nacional. O surgimento da TV em 1959 não significou apenas um novo meio: ela veio na esteira da onda de globalização da economia iniciada a partir da II Grande Guerra, situação na qual aperfeiçoam-se e generalizam-se rapidamente as técnicas da comunicação reproduzível e configura-se mais claramente a indústria cultural.

Nesse ínterim mudaram as posições até então ocupadas pelos meios de massa e, num mercado cada vez mais competitivo, as empresas tiveram de adequar-se aos novos tempos. Na empresa de comunicação o jornal perdeu espaço para o rádio, primeiro. Depois, a TV abocanhou a maior fatia desse espaço, e se estendeu para novos, passando a ser a ponta da indústria cultural. Se havia uma tendência a valorizar o caráter político, educativo-cultural,

informativo dos meios jornalísticos, numa trajetória eufórica - e deprimente ao mesmo tempo, hoje ninguém mais tem dúvidas sobre o caráter de entretenimento - e publicitário, da comunicação, inserida na indústria cultural a vender bens materiais e simbólicos a um mercado que os deseja avidamente, construção pela qual a TV é a maior responsável. Comunicação é um negócio, e seduzir audiências e leitores é parte fundamental das estratégias empresariais para angariar consideráveis verbas publicitárias.

Como tal, nos mercados próprios dos veículos (jornal, revista, rádio, televisão) houve uma acentuada concentração monopolista, estruturada em redes multimídia. No Rio Grande do Sul, desapareceram as duas maiores empresas da fase anterior (Caldas Júnior e Diários e Emissoras Associadas), consolidando-se hegemonicamente a RBS, a única perfeitamente inserida nesse mercado. Dos jornais citados anteriormente circulam hoje no estado a *Zero Hora* e o novo *Correio do Povo*. O *Jornal do Comércio* circula quase que exclusivamente num mercado fechado, e nenhum novo logrou êxito. A RBS possui uma rede de jornais e emissoras de rádio e TV aqui e em Santa Catarina, capitaneadas pela TV Gaúcha, e integra a rede Globo de televisão. Interessante assinalar que a *Zero Hora*, isto é, o veículo jornal, só foi integrado à empresa em 1967, depois da Rádio (1958) e da TV Gaúcha (1962). Já a nova Caldas Júnior¹⁰ possui ainda a TV Guaíba¹¹, e as rádios Guaíba AM e FM.

Na passagem da fase anterior para a atual, dá para intuir - mesmo sem que se detalhe o processo, do qual ainda participaram outros agentes importantes (jornais, emissoras de rádio e TV, grupos e empresas que não conseguiram entrar ou manter-se no mercado), o terreno delicado pisado pelos jornais. Ainda que polissêmicos, muito pouco da história da TV no Rio Grande do Sul pode ser escrita por eles: primeiro, a TV era uma *aventura* e um

¹⁰Renato Bastos Ribeiro, que adquiriu a empresa em 1986, manteve o nome Caldas Júnior. Trata-se, porém, de outra empresa, estruturada em moldes totalmente diversos, bastante competitiva no formato que adotou para ocupar parte considerável do mercado.

¹¹A TV Guaíba, criada em 1978 ainda por Caldas Júnior como uma emissora independente, não conseguiu manter seu projeto original. Ingressando no mercado num momento em que as redes nacionais já eram realidade incontestes, e recusando-se a fazer parte delas, a Guaíba é hoje uma emissora sem expressão, que vende espaços de programação e veicula enlatados.

empreendimento pouco sério para a seriedade do jornalismo *politizado* do Rio Grande do Sul. Depois, a comunicação no estado virou uma disputa estranha, em territórios desconhecidos em relação ao conhecido antigo mercado regional, e que não era mais sequer regional, e pisava-se em ovos e não se escrevia sobre o veículo da outra empresa, e sobre o da própria empresa não se podia fazer nada a não ser propagandear. Por fim, num período de transição, de refuncionalização dos meios, como saber o quê, no que diz respeito à TV, é notícia, ou informação jornalística?

Assim, é menos raro encontrar matérias sobre a TV Piratini no jornal da empresa Diários e Emissoras Associadas, o *Diário de Notícias*, do que em outros jornais. O *Diário* foi inclusive o único a escrever sobre a instalação da TV no Brasil, empreendimento isolado de Assis Chateaubriand, em 1950. A TV Gaúcha só vai ter a apoiá-la a *Zero Hora* cinco anos depois de ter ido ao ar. A TV Difusora não teve um jornal próprio para reter sua fugacidade, mas a Caldas Júnior (através do *Correio do Povo* e *Folha da Tarde*) deveria preferir cobri-la a cobrir as emissoras de seus concorrentes, já que ela mesma só viria a ter o seu canal anos mais tarde. De outro lado, nenhum jornal podia mais ignorar a sedução da TV sobre seus leitores, e seria inútil e contraproducente não veicular a programação das emissoras.

Essas questões, no entanto, me parecem inevitáveis, e não são privilégio da relação entre jornais e TVs ou entre os jornais e outras áreas da atividade humana das quais o jornalismo vem se nutrindo para produzir suas *atualidades*. A polissemia e a ética, embora sejam temas que também me fascinam, não são objeto desta análise.

O problema, aqui, está no fato de a pesquisa haver remetido ao jornal como fonte alternativa à insuficiência de outras fontes, ou mesmo como fonte complementar, e no fato de necessariamente ter de ser feita a crítica interna e externa da fonte, momento em que a fonte é lida pelo dito e pelo não dito, pelo que revela e pelo que esconde, circunstância facilmente detectada quando se poussa o olhar no passado recente.

História e jornalismo

A alguns meses, interagindo com estudantes e profissionais de jornalismo e de história num curso que dei sobre metodologia da pesquisa¹², percebi que vários problemas que a fonte acarreta resultam da pouca interação entre historiadores e jornalistas, que ainda se olham com desconfiança, ou, o que talvez seja mais grave, com descaso. Assim como o historiador inexperiente vai ao jornal ou à revista buscar *uma voz*, transparente e inequívoca, da atualidade de ontem, freqüentemente o jornalista vai a uma fonte histórica presentificar o passado desavisadamente sobre o que o passado é, ou sobre o que uma fonte significa.

Não estou sequer tangenciando a questão da objetividade, ou da subjetividade, que levaria a que se aprofundasse muito mais o tema do narrador. Quero me manter colada à questão da fonte e do método de pesquisa, e dos modos como o presente, ou sua invenção, atua sobre o passado, ou sua invenção, e vice-versa. Estou convencida que muitos historiadores desconhecem os meandros da produção das atualidades, ontem e hoje, e vejo que se faz crítica muito rapidamente, com muito pouca análise. Quando é seguido o método com relativo rigor, muitas vezes resulta uma análise desconectada do universo comunicacional a ponto de não se completar a relação com o leitor que é, em tempos e locais da nossa indústria cultural, um engajado das atualidades, seu tom, linguagem e abrangência.

Estou convencida também que muitos jornalistas têm pressa, tanta que jamais alcançarão o que procuram. O passado (mesmo o de duas horas atrás), ou uma história, até podem ser escritos na velocidade da máquina, mas não apropriados, muito menos explicados (informação que contêm) nessa velocidade. O fato, tanto para o jornalista quanto para o historiador, precisa ser cercado, aprisionado, significado. Para ambos, as fontes são as provas, o modo de tornar presente o ausente, e a discussão sobre uma ou duas fontes, os *dois* lados, é uma discussão subalterna e maniqueísta, porque os lados são muito mais e mais diversos, e o que importa na *imparcialidade* passa por questões muito mais complexas.

¹² *Métodos da pesquisa histórica aplicados à pesquisa em jornalismo*. Curso de extensão, UNISINOS, janeiro de 1997

Então, voltando ao começo: o *passado* - e agora já é possível dizer também o *presente*, são apropriados de modo desigual por historiadores e por jornalistas, através dos cacos (os restos e marcas, retidos pelas fontes) que a humanidade produz desigualmente. É preciso não apenas encontrá-los e dar-lhes significância, adotando certos procedimentos que controlem nossa tendência demasiadamente humana ou demasiadamente maquínica¹³ de colorir o mundo. É também necessário *situá-los*, pois em última análise são, como nós, vozes de narradores presentes e ausentes, situados, fazendo história - a vida real. E o jornalismo (de jornal, de rádio ou de TV) está *inventando o presente*, à semelhança como descrevemos a invenção do passado, até porque não poderia ser diferente.

E a história, afinal, quem faz ?

O modo como se escreveu a história e a notícia da televisão no Rio Grande do Sul até hoje aponta para o modo como uma engendra a outra e me sugere que elas ressoam em ondas de silêncios e ruídos. Os ecos que ouço, exatamente como ecos que distorcem o som original, alertam sobre os perigos de passados e presentes assim reinventados, e reclamam por uma inadiável aproximação entre essas áreas.

Os procedimentos metodológicos pelos quais tal *modus* vem sendo cristalizado por historiadores e jornalistas precisariam ser melhor examinados pela academia no âmbito de sua atuação - a pesquisa, a interdisciplinaridade, a análise, a interlocução polifônica com os diferentes atores desse cenário.

Do lado dos meios de comunicação, para além das questões da ética, e muito mais que no tempo de escribas e novidadeiros, precisaria que se refletisse sobre a *história que dizem fazer*. Mesmo que seja apenas um clichê, e mesmo que seja meramente uma operação

¹³Nos termos de Guattari e Rolnik (1993) especialmente às p.281-290: *Amor, territórios de desejo e uma nova suavidade...*

significante ao nível do imaginário - o que não é pouco, seria interessante investigar a consistência do argumento num amplo diálogo entre a História e as Ciências da Comunicação, e no qual fossem repassadas, uma a uma, as questões aqui enfocadas. E tantas outras. À primeira vista, é um simulacro, uma manifestação arrogante de quem vive seu momento de glória entre os poderosos de seu tempo, e que o futuro desmistificará.

Ainda assim, é parte da memória que está sendo produzida hoje pelas atualidades.

Referências bibliográficas:

- ALBERONI, Francesco. *Gênese*. Rio de Janeiro: Ed.Rocco, 1991
- CAPARELLI, Sérgio. *Televisão e capitalismo no Brasil*. Porto Alegre: L&PM, 1982
- _____. A periodização nos estudos de televisão, *INtexto*. 13 de junho de 1997, <http://www.ilea.ufrgs.br/intexto>
- CARDOSO, Ciro F.S. *Uma introdução à história*. São Paulo: Brasiliense, 1982
- CRUZ, Dulce Márcia. *Televisão e negócio, a RBS em Santa Catarina*. Florianópolis: Ed.UFSC, 1996
- DEBRAY, Régis. *Vida e morte da imagem: uma história do olhar no ocidente*. Petrópolis: Vozes, 1993
- FERREIRA, Marieta de Moraes e AMADO, Janína (ORGs). *Usos & abusos da história oral*. Rio de Janeiro: FGV, 1996
- GUATTARI, Félix. *As três ecologias*. Campinas: Papirus, 1991
- GUATTARI, Félix e ROLNIK, Suely. *Micropolítica*. Cartografias do desejo. Petrópolis: Vozes, 1993
- QUEIROZ, Adolpho. *TV de papel: a imprensa como instrumento de legitimação da televisão*. Piracicaba: Ed.UNIMEP, 1992
- ORTIZ, Renato. *A moderna tradição brasileira*. São Paulo: Brasiliense, 1988
- REIS, Sérgio. *Making off: histórias bem-humoradas dos primeiros anos do rádio e da TV*

RUDIGER, Francisco. *Tendências do jornalismo*. Porto Alegre: Ed.Universidade/UFRGS, 1993

_____. Contribuição à história da publicidade no Rio Grande do Sul.

Revista FAMECOS n.3. Porto Alegre: PUCRS, set.1995

SCLIAR, Moacyr. *Maurício: a trajetória, o cenário histórico, a dimensão humana de um pioneiro da comunicação no Brasil*. Porto Alegre: Sulina, 1991

STEPHENS, Mitchell. "A primeira história que apareça". Notícias e alfabetização. in *História das comunicações*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1993

VAMPRÉ, Octávio A. *Raízes e evolução do rádio e da televisão*. Porto Alegre: FEPLAM-RBS, 1979

WERNECK DA SILVA, José L. *A deformação da história*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985

Autora: Suzana Kilpp

Socióloga, mestre em História, é professora na UNISINOS desde 1988, onde leciona História da Comunicação e Estética e Cultura de Massa e pesquisa a respeito da TV no Rio Grande do Sul. É também coordenadora adjunta em relação aos Trabalhos de Conclusão dos alunos de Jornalismo.

Universidade: Universidade do Vale do Rio dos Sinos - UNISINOS

Endereço: Av.Unisinos 950 - São Leopoldo, RS - CEP 93022-000

Telefone/FAX: (051) 590-8132
